

Aparece o nº 2 da máfia do sexo

O supervisor da Planalto Segurança, Lúcio Bruno de Souza, foi denunciado por A.N.V.S. e será indiciado hoje

Netto Costa e Carlos de Lannoy

Lúcio Bruno de Souza, supervisor da Planalto Segurança será indiciado hoje pela delegada Deborah Menezes como o segundo homem da "máfia do sexo" que atuava na Esplanada dos Ministérios, sob o comando de Israel da Mota, chefe de segurança do Ministério de Minas e Energia (MME). Israel, que foi afastado do cargo e em seguida desapareceu, teve sua prisão temporária pedida ontem à noite. Chefe da máfia, ele é acusado de estupro, atentado violento ao pudor, ameaça e constrangimento ilegal. Foi enquadrado nos artigos 146, 147, 213 e 214 do Código Penal. Na companhia dele, Lúcio Bruno responderá por assédio sexual, previsto no Artigo 61 da Lei de Contravenções Penais.

"Eu levo uma vida digna, não tenho o que esconder de ninguém. Sou casado, minha mulher está esperando um filho e tudo o que falam de mim é pura calúnia", afirmou Bruno, acusado por três "guardetes" de lhes fazer ameaças e propostas indecorosas por telefone. A.N.V.S., de 27 anos, uma vigilante que esteve na Delegacia da Mulher (Deam) queixou-se: "Ele me ligava todos os dias, me convidando para transar. Passou a me perseguir e, como não obtinha êxito, começou a querer arranjar um pretexto para me demitir".

Ela contou que o seu marido foi to-

mar satisfações com Bruno e ouviu uma história fantasiada como explicação. Imediatamente foi transferida e acabou prejudicada: "Agora quero justiça", pediu a vítima, que hoje presta serviço no Departamento Nacional de Proteção Mineral (DNPM).

Substituto — Além do chefe Israel da Mota e do supervisor Lúcio Bruno, pelo menos um terceiro funcionário do ministério integraria a máfia do sexo: Waltenir Ribas, substituto de Israel. As vigilantes garantem que embora não participasse ativamente do assédio, Ribas sabia de tudo, vigiava a ante-sala onde elas sofriam constran-

gimento e, naturalmente, era o primeiro a saber das transas do chefe, já que Israel tinha o hábito de vangloriar-se com frases do tipo: "Acabei de comer essa aí". Com o afastamento de Israel, decidido ontem, Waltenir Ribas assumiu seu posto.

Dentre as diversas denúncias feitas contra a máfia, outra vigilante lembrou que Lúcio Bruno proibiu-as de se comunicarem por telefone quando elas começaram a articular um movimento para denunciar o assédio sexual de que eram vítimas. Intimidadas pelas ameaças constantes de que perderiam o emprego, caso abrissem a boca ou se recusassem a atender às taras sexuais de seus superiores, as vigilantes calaram por quase um ano.



Escândalo choca vizinhança

Israel da Mota esteve no Ministério de Minas e Energia ontem pela manhã e foi embora logo após tomar conhecimento de seu afastamento do cargo. O clima no ministério era de muita surpresa. Um funcionário da telefonia disse que ficou sabendo do escândalo da mesma forma como fica sabendo do aumento dos combustíveis — pela imprensa. Robson Prado, presidente da associação dos funcionários afirmou que as mulheres que denunciaram Israel da Mota são heroínas.

A surpresa também tomou conta dos vizinhos do chefe de segurança do MME. Ângela Brito, que mora um andar abaixo de Israel num prédio de classe média alta da Asa Sul, confessou que não sabia como reagiria quando o visse novamente. Segundo ela, que ficou indignada quando leu a notícia nos jornais, Israel aparenta ser um ótimo pai e é supereducado. "Sempre que chegava do trabalho, suas filhas menores pulavam no seu pescoço e ele era muito carinhoso", contou.

Chácara era palco de orgias

Vigilantes femininas e diretores do Sindicato dos Vigilantes do Distrito Federal afirmam que o chefe de segurança do Ministério das Minas e Energia, Israel da Mota, possui uma "ampla e bem montada" chácara no município de Luziânia (GO), utilizada constantemente para festas e bailes "em meio a orgias sexuais". A "guardete" R.T.R. garante que tem provas que demonstram os constantes convites que ela e as colegas recebiam para ir à chácara de Mota. Ela compareceu ontem ao IML para submeter-se a exame de corpo de delito que poderá comprovar o estupro de que foi vítima por parte de Mota.

As denúncias indicam também um relacionamento suspeito que Israel da Mota mantém com o chefe-operacional da Planalto Segurança, conhecido como "Paulão". Sindicalistas suspeitam que a empresa de segurança possa ter sido conivente com as investidas sexuais de Mota contra suas "guardetes". Especulam que a contrapartida de Mota pode ter ocorrido no favorecimento à empresa, que presta serviço ao MME há mais de um ano.

Rodoviária — A delegada Deborah Menezes mandou pesquisar junto ao posto policial da Rodoviária do Planô Piloto o envolvimento de Mota em crime de estupro. Também existe a informação de que ele tinha o hábito de entrar no banheiro das mulheres da Rodoviária.

Ao que parece, ele ainda tem forte ligação com a Rodoviária, pois seu Santana vermelho pode ser visto diariamente, pela manhã e no final da tarde, naquele local. "Ele fica pescando mulheres ou nos vigiando enquanto pegamos o ônibus para ir para casa". "É um maníaco", afirmam as vigilantes.

R.T.R. revela novos detalhes

A "guardete" R.T.R., de 30 anos, revelou ontem em depoimento na Delegacia da Mulher (Deam), que Israel da Mota a molestava quase que diariamente. "Eu era obrigada a deixar o telefone fora do gancho para não ter que atender ao chamado do Mota, que vivia pedindo para que eu fosse transar com ele na sua sala". A sala a que ela se refere fica no andar térreo do ministério, junto à entrada privativa do ministro. "Após me obrigar a fazer sexo oral, ele pedia que eu engolissem seu esperma, dizendo que era bom para a pele", afirmou R.T.R.

A "guardete" contou que foi víti-

ma de tentativa de estupro anal, no final do ano passado. Segundo ela, Israel da Mota a levou em seu carro até uma via secundária, próxima à Estrutural, e forçou a relação anal. "Ainda tenho sequelas das lesões que sofri", disse. Mota ameaçava a vigilante, dizendo que se ela não atendesse suas fantasias seria colocada "no olho da rua".

Violento, estúpido, grosso são alguns dos adjetivos que qualificam Israel da Mota, segundo R.T.R. Ela chegou a dizer-se homossexual — "sapatão" — para tentar dissuadir Mota de assediá-la sexualmente. Não adiantou.

A Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), através do secretário executivo da Campanha da Fraternidade deste ano, padre Elias Della Giustina, condenou violentamente o crime de assédio sexual, apesar de não querer avaliar o caso de Israel Mota em particular.

Já o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, seção DF, Esdras Dantas, disse que o fato merece apuração rigorosa das autoridades policiais. "A Lei nº 417 contra o assédio sexual deve ser divulgada melhor".